

Bella Baxter e a ode à vida: a perspectiva camusiana de absurdo e revolta

Bárbara Raffaele Carvalho Santos¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o filme *Pobres criaturas* a fim de interpretá-lo sob a perspectiva de Albert Camus. Através das obras *O mito de Sísifo*, *As núpcias*, *O homem revoltado* e *A morte feliz* as cenas do filme serão observadas e percorridas. O intuito será encontrar atitudes frente ao absurdo de revolta e amor à vida. Para esse intento, serão necessárias algumas distinções, como a oposição entre: morte e vida, suicídio e condenação à morte, revolta e ressentimento. Além disso, será preciso desenvolver sobre a definição camusiana de absurdo e os motivos de sua refutação aos saltos metafísicos. A análise do filme levará em consideração a estética vitoriana e retro futurista utilizada nas imagens. Serão comentadas a época utilizada para demarcar a moralidade de submissão do corpo das mulheres e a transição das cores, pois o filme busca delinear as transformações da personagem Bella Baxter através da gradação das cores, como o azul para evidenciar a melancolia, as cenas em preto e branco para ressaltar as primeiras e delimitadas experiências de Bella, o amarelo para o desespero ao vislumbrar o sofrimento. Se explicitará as influências mitológicas e literárias de alguns personagens, além de comparar os personagens com as exemplificações de homens do absurdo realizadas por Camus, por exemplo, a semelhança entre Godwin e o criador absurdo/artista e Bella e o dom-juanismo. Outrossim, por meio de todas essas assimilações se exaltará a interpretação da arte como forma de manter-se lúcido da morte, sem necessariamente recair na invenção de valores universais, ideologias e esperanças vindouras.

Palavras-chave: Absurdo; Revolta; Filme; Bella Baxter; Vida.

Bella Baxter and the ode to life: a Camusian perspective on absurdity and revolt.

Abstract

The objective of this work is to analyze the film *Poor things* to interpret it from the perspective of Albert Camus. Through the works *The Myth of Sisyphus*, *Wedding*, and *The Happy Death*,

¹ ¹ Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal de Uberlândia com pesquisa fomentada pela Capes. E-mail: professora.barbara.raffaele@gmail.com.

scenes from the film will be observed and discussed. The aim will be to find attitudes towards the absurdity of revolt and love of life. For this purpose, some distinctions will be necessary, such as the opposition between: death and life, suicide and death sentence, revolt and resentment. Furthermore, it will be necessary to develop the Camusian definition of absurdity and the reasons for its refutation of metaphysical leaps. The analysis of the film will consider the Victorian and retro futuristic aesthetics used in the images, but also to demarcate the morality of submission of the women's bodies at the time used as inspiration. The transition of colors will also be commented on, as the film seeks to outline the transformations of the character Bella Baxter through the modification of colors, such as blue to highlight melancholy, scenes in black and white for Bella's first and limited experiences, yellow to despair at the sight of suffering. The mythological and literary influences of some characters will be explained, in addition to comparing the characters with Camus' exemplifications of men of the absurd, for example, the similarity between Godwin and the absurd creator/artist and Bella and Dom- Juanism. Furthermore, through all these assimilations they will exalt the interpretation that art is a way of remaining lucid from death, without necessarily falling back on the invention of universal values, ideologies, and future hopes.

Keywords: Absurd; Revolt; Film; Bella Baxter; Vida.

Introdução

A filosofia de Albert Camus suscita inquietações presentes no cotidiano de qualquer ser humano que inesperadamente é retirado de seu conforto e inicia o questionamento de si e o mundo a seu redor. Obviamente, Camus não é o primeiro nem o último autor a provocar reflexões causadoras de noites insones, olhares diferenciados sobre a existência e uma escuta aberta ao “outro”. Por isso, é comum relacionarmos personagens presentes nas artes às perspectivas camusianas, assim como, o próprio filósofo fez em *O mito de Sísifo* ao trazer em suas obras Don Juan de Molina, alguns personagens de Dostoiévski, Shakespeare e Kafka, entre outros, para elucidar alguns de seus conceitos.

Dessa maneira, este texto visa analisar o filme *Poor things* (2023) — traduzido como *Pobres criaturas* no Brasil, dirigido por Yorgos Lanthimos, roteirizado por Tony McNamara e

baseado no livro homônimo de Alasdair Gray — através da filosofia de Camus. A interpretação será apenas do filme abandonando a discussão exaustiva sobre diferenciações da obra literária e cinematográfica. Não há pretensão de fixar uma interpretação unilateral do filme, isto porque, uma arte nunca pode ser explanada em sua totalidade, como aponta Camus, o artista cria sob uma perspectiva, apenas uma parte de um diamante que se multiplica devido à luz. Destarte, o absurdo, a revolta, a consciência e a multifacetação dos atores está presente em *Pobres criaturas*, principalmente em sua personagem central, Bella Baxter, mas também em características das figuras que a cercam. Para esse ofício de comparação serão utilizados os seguintes escritos de Camus: *O mito de Sísifo* (1942), *As núpcias* (1939), *A morte feliz*

(publicado postumamente em 1971) e *O homem revoltado* (1951).

A aspiração de contrastar os conceitos presentes em Camus ao filme em questão está na premissa de ambos, se Camus inicia *O mito de Sísifo* emitindo sua máxima bastante conhecida: “só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio” (Camus, 2023, p.18), o filme de Yorgos Lanthimos inicia com uma moça de vestido azul (Emma Stone) se lançando da ponte na água, a escolha desta mulher possibilita a existência de uma outra, Bella Baxter (Emma Stone), essas duas, se distinguem principalmente pela escolha, a primeira em sua liberdade ceifa sua vida, a segunda, em contradição, valora sua vida através de sua experiência dos sentidos. Essa deliberação pela vida ao invés da morte, permeia toda a obra de Camus, sua escrita poderia ser perspectivada como uma ode à vida, apesar da consciência da morte e do despropósito da existência.

O suicídio ou o restabelecimento. Estes sentimentos são de fato comuns e perpassam a estranheza do absurdo. O interessante é que Albert Camus salienta que diante de tais sentimentos, por vezes banais, triviais, pode-se nascer à atitude da esquiva ou da revolta. Outros sentimentos e experiências que Camus aborda é a questão da “revolta da carne”, da “estranheza”, da “náusea”, da “morte” e de um absurdo relacional, que é a relação entre o desejo de clareza do homem e o silêncio do mundo. Cada um destes pontos nos diz um pouco sobre a experiência do absurdo. (LEOPOLDO, 2021, p.46)

Como o trecho anterior ressalta, qualquer ser humano pode passar por toda a experiência da passagem do suicídio para o restabelecimento. Para Camus, o problema mais importante da filosofia seria o suicídio, pois, se todos morrerão, a vida não possui sentido inerente. O pensamento camusiano mostra que é totalmente lógico o pensamento da morte, mas também

estabelece maneiras de atravessar o absurdo e desejar a vida. O filme *Poor things* inicia mostrando o ato do suicídio de uma mulher de vestido azul. Esse uso do vestido azul pode ser interpretado esteticamente como a depressão, a angústia e náusea desta personagem, visto que, a palavra azul no inglês é habitualmente usada para falar de uma tristeza profunda.

Fotografia 1- Emma Stone em *Poor things*



Fonte: Sofia Artemenko, 2024.

O absurdo e a primeira revolta de Bella Baxter

O filme *Poor things* estimulou uma vasta crítica, seja por concorrer ao Oscar 2024 — premiação dos filmes de 2023 — e obter premiações, como o de melhor atriz para Emma Stone e de melhor figurino de Holly Waddington, mas também por gerar opiniões contrárias sobre a personagem Bella Baxter, principalmente em torno da observação de ser uma personagem

feminina baseada no livro de um autor masculino e adaptada para o cinema com roteiro e direção de homens. Apesar dessa discussão ser interessante, a análise presente não será feita sob essa perspectiva, pois penso que personagens diversos podem ser bem ou mal construídos independentemente do gênero dos autores e diretores, a grande potência de escritores, atores, diretores e outros artistas está em conseguir viver e criar inúmeras vidas em cenários reais ou imaginados, e conduzir o espectador aos sentimentos e sensações daqueles personagens apresentados. Assim, minha análise será constituída por destacar o absurdo, as revoltas e o amor à vida através dos sentidos dos personagens deste filme, principalmente de Bella Baxter.

Após o prelúdio do filme, iniciado com o suicídio da mulher, há uma ambientação da época vitoriana em preto e branco onde conhecemos personagens de aparência e comportamentos peculiares. Dentre estes está o Dr. Godwin Baxter (Willem Dafoe), seu rosto é repleto de cicatrizes e o quanto ele é estranho aos olhos é também inteligente. O médico e cientista leciona em uma universidade ensinando a dissecar cadáveres e possui um laboratório onde faz experiências criando híbridos, misturas de animais, como o cachorro galinha o pato cachorro e outros. Por causa de sua aparência a maioria dos estudantes não valorizam suas lições, uma exceção é Max McCandles (Ramy Youssef), ele é convidado a se tornar assistente particular na casa de Godwin.

Na casa do Dr. Godwin, McCandles recebe a tarefa de anotar todos os comportamentos de Bella Baxter como seu modo de andar, sua alimentação, quantas palavras ela aprendeu, o crescimento de seu cabelo — mostrados, muitas vezes, sob a perspectiva de uma câmera olho de peixe para nos conduzir à sensação de instabilidade corporal ou de vertigem quando a personagem vivencia algo novo — tudo é minuciosamente observado pelo assistente. Segundo Godwin, Bella é a maior experiência de sua vida e, isso se torna mais compreensível quando McCandles descobre um caderno, com inúmeros desenhos e anotações de Godwin. Nele consta que Bella tem o cérebro transplantado de um bebê.

Ao confrontar Godwin, ele é honesto e conta-lhe os detalhes da criatura Bella. O doutor encontrou uma mulher suicida em um rio e, pensando ser injusto reanimá-la, pois provavelmente ela seria considerada louca e internada, ao perceber que se tratava de uma gestante, Godwin decidiu transplantar o cérebro da criança para o corpo da mulher. Portanto, o cientista é o criador de Bella, há inúmeras sátiras em diálogos do filme, isto porque, ele é apelidado de *God* (deus) e, como um deus, ele deu origem a um ser humano. Isto explica as ações de Bella, pois sendo ela

um experimento, não é nem a mulher suicida, nem a criança. Bella possui atos totalmente destituídos de moral social, não havendo espaços para a culpa de uma época (vitoriana) fortemente coibida sexualmente, principalmente para as mulheres. Além disso, ela tem dificuldade de fala e movimentação, porém esses aspectos progridem mais rapidamente por ter um corpo totalmente formado, logo seu cérebro tenta acompanhar o restante de sua constituição física.

Fotografia 2- Bella Baxter aprendendo a caminhar



Fonte: Laura Stunz, 2023 .

Fotografia 3- Godwin e seu rosto deformado por experiências de seu pai cientista



Fonte: Adoro cinema, 2024.

Apesar da grande curiosidade de Bella e dos diálogos abertos e técnicos com Godwin

— há uma cena em que o cientista explica que a sexualidade é amoral e fisiológica distinguindo-se de sua época — ela é restringida ao ambiente da casa de Godwin, pode passear apenas afastada dos centros da cidade, escondida na carruagem e acompanhada por Godwin e McCandles. Como uma criança, Bella sente prazer na experimentação e se irrita quando se percebe presa. Por outro lado, como uma mulher de corpo formado sente prazer sem nenhuma culpa ao se masturbar, como é dito pela personagem embora com erros de concordância por sua fala peculiar “descobri ficar feliz quando quer” ao que ela é repreendida pela governanta. Embora seja interessada, tal como uma criança, não há ingenuidade em Bella quanto à morte, pode parecer cruel a outros seres — ao esmagar um sapo ou quando fura e corta desgovernadamente um cadáver — mas existe uma tristeza em sua percepção da morte. Nota-se seu desânimo quando Godwin mente ao dizer que Bella é órfã, pois ela emite com pesar “pobre Bella”, porém, se alegra em ter God como uma figura paternal.

Nesse sentido, Bella pode ser considerada uma personagem com consciência e sentimento do absurdo, há na personagem o divórcio entre ela e o mundo, a consciência da morte em contradição a um desejo de eternizar-se pelos sentidos, não por uma significação maior e religiosa e sim, por um despropósito das experiências na vida, uma enorme vontade de viver. Diferentemente da mulher do prelúdio decidida pelo abandono da vida, Bella delibera por viver. Assim como Mersault em *A morte feliz* necessitou da morte de Zagreus para escolher por uma existência absurda e feliz, Bella precisou do suicídio da mulher gestante. Situo então, como na filosofia camusiana, a mulher da ponte como suicida e Bella como uma condenada à morte, não por uma condenação iminente, mas por recepcionar a vida tal qual um condenado, sem resolver o divórcio e a contradição existente entre finitude humana e infinitude do mundo, vida e morte.

Aqui se vê como a experiência absurda se afasta do suicídio. Pode-se pensar que o suicídio se segue à revolta. [...] O suicídio, como salto, é a aceitação em seu limite máximo. Tudo se consumou, o homem retorna à sua história essencial. Divisa seu futuro, seu único e terrível futuro, e se precipita nele. À sua maneira, o suicídio resolve o absurdo. Ele o arrasta para a própria morte. Mas eu sei que, para manter-se, o absurdo não pode ser resolvido. Recusa o suicídio na medida em que é ao mesmo tempo consciência e recusa da morte. O contrário do suicida é, precisamente, o condenado da morte. (Camus, 2023, p. 92-93)

Por que Camus diferencia o suicida do condenado à morte? Afinal, ambos não se encontram em iminência da morte? Para a filosofia camusiana, o suicida — tanto o físico quanto o filosófico — decide por resolver logicamente o problema da falta de sentido do ser humano, ou

seja, ele escolhe ou por meio da morte ou pela teoria dar um “salto”, tornando-se apenas parte de uma teleologia definida por meio da religião, da moral universal ou da desistência de si por qualquer outra motivação. Em oposição, o condenado à morte não determina seu perecimento, está consciente de seu destino e ao invés de desistir, se agarraria à vida se fosse capaz, não como um covarde que foge do óbito, mas como um guerreiro com sua coragem defendendo-se com seu escudo na batalha.

Dessa maneira, entendemos Bella Baxter como uma pessoa do absurdo com sua ânsia de sentir. Entretanto, a personagem é tolhida por fatores externos como Godwin e a governanta de sua casa, assim, ela sentiu o absurdo, porém, não se revoltou contra os obstáculos que dificultam sua liberdade ainda. Nesta prisão, God encontra mais uma maneira de mantê-la contida, não o faz por malevolência, mas por excesso de proteção. O personagem propõe que McCandles se case com Bella com a condição de eles viverem sempre em sua residência. Bella não se opõe ao casamento, com uma atitude indiferente, para ela o assistente parece aceitável, pois eles se divertem, ele conta-lhe sobre as diversidades dos países e aumenta seu aparato de conhecimentos. Todavia, Bella desconhece as condições desse matrimônio.

Ao preparar o contrato matrimonial, God contrata o advogado Duncan Wedderburn (Mark Ruffalo). Os trejeitos desse personagem não são bem-vistos pela sociedade, ele é descrito como um libertino, um aventureiro depravado e um enganador de mulheres. Ao se deparar com Bella — sem consentimento de God — ele revela à Bella sobre as condições de enclausuramento de seu contrato matrimonial e sugere que Bella fuja para Lisboa em sua companhia. Embora ele veja Bella como uma vulnerável facilmente iludível, por suas atitudes rudimentares, ela é lúcida sobre ele e percebe ele apenas como uma oportunidade de se aventurar e deixá-lo quando desejar.

Doravante, Bella assume sua primeira atitude de revolta unida à lucidez do absurdo, pois se nega a viver em uma prisão matrimonial. Então, ela anuncia a God que vai embora com ou sem sua autorização. Assim como um ser humano do absurdo Bella rejeita qualquer esperança vindoura ou em um Deus, rejeita as escolhas de God para ela. Sua negação é afirmativa, pois recusa uma vida pré-definida e movimenta-se em defesa de sua liberdade de deliberar sobre o que deseja. Contudo, God surpreendentemente auxilia sua ida, concedendo dinheiro em casos emergenciais e ajudando a desmaiar McCandles para que ele não a impeça. Portanto, Bella recusa uma vida sem prazeres, ambiciona núpcias apenas com o mundo e se revolta como na

descrição de Camus:

O que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde seu primeiro movimento. Um escravo, que recebeu ordens toda a vida, julga subitamente inaceitável um novo comando. Qual é o significado desse não? [...] Desta forma, o movimento de revolta apoia-se ao mesmo tempo na recusa categórica de uma intromissão julgada intolerável e na certeza confusa de um direito efetivo ou, mais exatamente, na impressão do revoltado de que ele "tem o direito de..." (Camus, 2017, p. 18)

À vista disso, Bella age como descreve a filosofia camusiana, rejeita a intromissão de God e McCandles em seus atos e se sente no direito de definir os lugares e a escolher suas próprias atitudes. A personagem não se conforma ao ambiente e as regras de uma casa, mesmo sem nenhuma previsão ou certeza das consequências de suas ações, ela se arrisca para ser uma pessoa integral vivendo todas as suas possibilidades. Todavia, Bella ainda tem uma experiência apenas para si de revolta, a percepção do outro acontece em cenas posteriores e será retomada.

A amoralidade de Bella e a polidez social²

A película transforma-se acompanhando o desenvolvimento de Bella — as cores se transfiguram em uma pluralidade, assim como o aumento de alternativas da personagem — torna-se colorida com uma estética retro futurista e com fortes inspirações de pinturas surrealistas. Em Lisboa, a personagem experimenta novos sabores alimentares e o prazer sexual com Duncan Wedderburn, que proporciona orgasmos que ela nomeia de “saltos furiosos”. Porém, após inúmeros orgasmos, Duncan precisa de descanso, isto é visto por Bella como um problema de ordem fisiológica dos homens, pois ela poderia repetir atos sexuais por inúmeras vezes. Aproveitando o repouso de Duncan, Bella sai pelas ruas de Lisboa sozinha e experimenta doces, escuta e deleita-se com uma mulher a cantar, presencia discussões, observa a linha de trem. A personagem encontra um exagero de açúcar e violência e sente-se enjoada com essa demasia, vomitando.

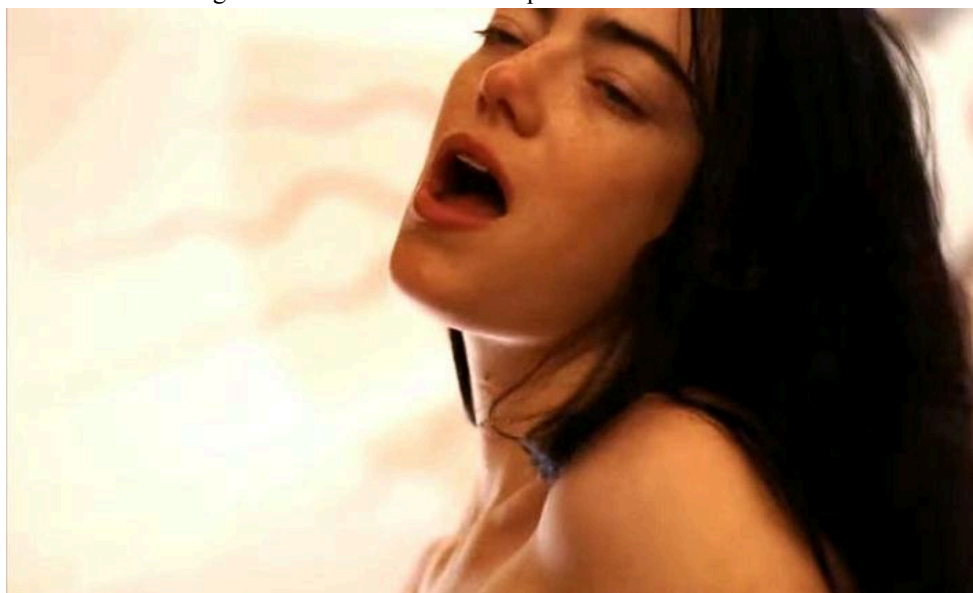
Essas experiências agradáveis e desconfortáveis assimilam-se às *Núpcias* descritas por Camus pelo grande amor à vida. Tanto para Bella quanto para a filosofia camusiana o único sentido e significação que abarcam a razão e a desrazão é proveniente dos sentidos. Para ambos,

² Há uma distinção entre amoralidade e imoralidade, Bella se pauta apenas pelos seus sentidos, ou seja, não é que ela não reflita as ações, ela apenas faz por sua própria avaliação ao invés de suprir demandas externas. Ela cria e espontaneamente decide dizer sim ou não conforme seu gosto..

não há espera que valha a vida presente, Bella não acredita em alma como deixa claro em alguns diálogos, sua moralidade não é imposta, logo, seus feitos são deliberados apenas quanto ao gosto, age conforme o que é agradável, escolhe os desagradados quando deseja o experimento e recusa o desagradável aos seus sentidos, ela é livre de qualquer julgamento externo.

Ao longo do filme, apesar de Duncan ter pedido para Bella não se apaixonar, ele quem começa a se incomodar com a enorme liberdade de Bella. Há uma cena em que eles jantam com dois conhecidos de Duncan, Bella não se envergonha em cuspir o alimento desgostoso, se irrita e quer silenciar com violência um bebê choroso. Ao ouvir instrumentos, Bella dança sem preocupação com coreografias ou julgamentos. Deste modo, para a personagem não há liberdade em si, visto que, seus comportamentos não buscam conceituações ou universalidade. Como apontado por Camus ao discutir sobre a liberdade e o absurdo³³, o que existe em Bella é a liberdade de ações, não há nela nenhuma esperança vindoura, ela se consoma no instante, sendo uma estranha aos olhos da sociedade defensora da polidez e da contenção dos sentidos. As imagens a seguir ilustram várias cenas das experimentações de Bella:

Fotografia 4 – Bella Baxter em experiência sexual



Fonte: Serain, 2024.

³³ Ora, se o absurdo aniquila todas as minhas possibilidades de liberdade eterna, também me devolve e exalta, pelo contrário, minha liberdade de ação. Tal privação de esperança e de futuro significa um crescimento na disponibilidade do homem. [...] Depois do absurdo, tudo fica abalado. [...] sei perfeitamente que não existe liberdade superior, a liberdade de *existir* que é a única que pode fundar uma verdade. A morte está ali como única realidade. Depois dela a sorte está lançada. (Camus, 2023, p. 95-96)

Fotografia 5: Bella Baxter seguindo o ritmo da música



Fonte: Serain, 2024.

Fotografia 6- Bella Baxter em seu primeiro passeio sozinha



Fonte: Atsushi Nishijima, 2024.

Elucidações de revolta e ressentimento

Ainda que Duncan seja considerado pela sociedade como um libertino, ele mostra que deseja autonomia apenas para si. Portanto, ao querer ser senhor se mantém preso ao outro, tornando-se paradoxalmente um escravizado. O personagem se mostra um ressentido em oposição à revolta — como aponta Camus em *O homem revoltado* ao citar Scheler e Nietzsche

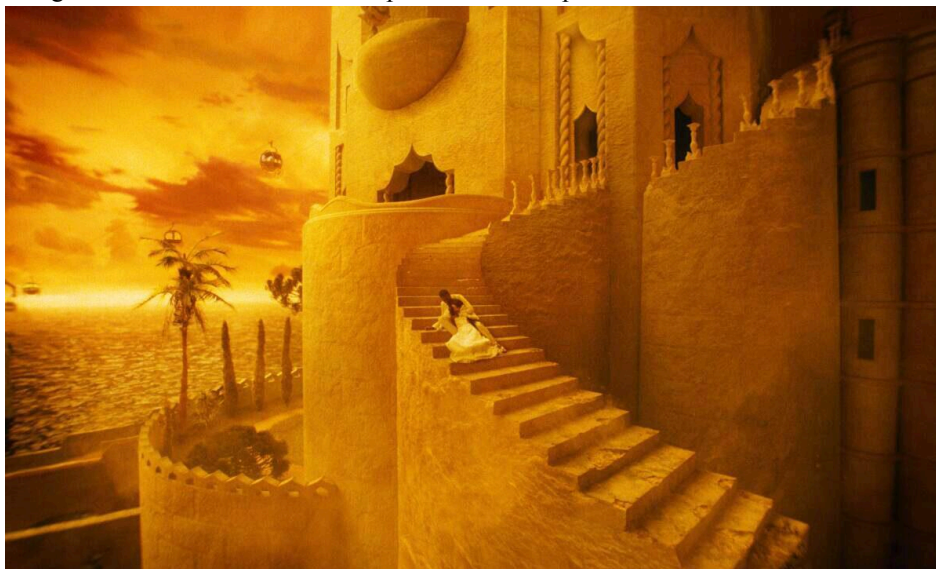
— ao extinguir a solidariedade humana, ele apenas consegue estar preso aos rancores e ao ódio. Destarte, se aproveitando da grande curiosidade de Bella, Duncan lhe oferece um presente, um caixote, ele diz que há algo que a interessa em seu interior, mas à aprisiona. Assim, ele a transporta para um navio, desejando obtê-la apenas para si, em um ambiente de seu domínio, desfrutando dela através de seu gosto pelo sexo. Entretanto, Bella o rejeita, ao invés de agir como ele espera, ela passeia pelo navio, conversa com os tripulantes e conhece duas figuras importantes para seu desenvolvimento: uma senhora chamada Martha (Hanna Schygulla) e um jovem chamado Harry Astley (Jerrod Carmichael).

Sendo totalmente explícita, Bella pergunta à Martha e Harry se eles se relacionam sexualmente, mas a senhora diz-lhe que não tem vida sexual ativa a pelo menos 20 anos, e elucida que sua libido está voltada a outros prazeres, os das reflexões. Por conseguinte, Bella mostra-se interessada e Martha e Harry, eles ensinam-lhe a ler e questionar sobre o mundo. O jovem é um cínico, como Bella, ele despreza as convenções sociais e lhe diz para desconfiar de toda perspectiva que tente ser única ou universal. Inquietações tomam Bella, seu modo de falar se torna refinado pelo contato com a filosofia, e ela se expressa da seguinte maneira: “as ideias sacodem minha cabeça e meu coração como raios em uma tempestade.”

Simultaneamente, por não conseguir decretar suas vontades ao corpo de Bella, Duncan torna-se cada vez mais ressentido, propõe casar-se com Bella, porém, ela declina, pois deseja desfrutar apenas temporariamente dele. Duncan a ameaça de morte como um homem enciumado, possessivo e sempre embriagado. Por conseguinte, Bella escapa dos choros de Duncan e, se ocupa dos prazeres de refletir em conjunto com Harry e Martha, novamente com seus atos de recusa, como uma mulher da revolta. Há uma cena influenciada pela história de Diógenes com Alexandre, em que a personagem lê ao sol, Duncan joga seu livro ao mar, Bella pede-lhe para retirar-se do seu sol, mostrando a união de Bella com os prazeres nupciais da natureza, o sol que beija sua pele.

Entrementes, Harry e Bella discordam sobre o mundo e o ser humano, enquanto ele interpreta o ser humano como crueldade, ela tem uma visão hedonista, pensando na infinidade de prazeres possíveis. Ambas as perspectivas se complementam no filme, pois, a partir dessa divergência Harry mostra uma realidade jamais vista por Bella. O barco faz sua primeira parada em Alexandria, onde Bella presencia o sofrimento humano em escala social, as cores da película tornam-se mais amarelas, para representar o desespero nunca sentido por Bella anteriormente.

Fotografia 7- Bella Baxter em desespero na escada após ver o sofrimento humano



Fonte: Serain, 2024.

Fotografia 8- Revolta pelo sofrimento do outro: cenas de Alexandria



Fonte: Ertürk, 2024.

Consequentemente, Bella revolta-se pela mais uma vez, dessa vez com o acréscimo da alteridade, Harry mostra-lhe ao lado de um restaurante frequentado por pessoas abastadas, um ambiente de extrema pobreza onde adultos e crianças morrem de fome e sofrem. A reação de Bella inicialmente é de desespero, morde a mão de Harry e arranca-lhe sangue, pela dor que sentem os seres humanos. Angustiado, Bella recolhe todo dinheiro e joias do quarto no navio e

tenta levar aos pobres, porém, tripulantes impedem-na porque o barco está partindo, eles a enganam e ficam com o dinheiro fingindo levar à população pobre de Alexandria.

Considero, neste ato de revolta duas características: primeiramente, Bella possui uma angústia frente ao absurdo, como conceitua Camus, para além da percepção e tristeza pela percepção da finitude, há o ódio à morte e a lucidez quanto ao despropósito do sofrimento, não há recompensas de um futuro ou de um paraíso. Segundamente, a revolta de Bella transcende para além de si, ela reconhece algo em si e recusa o que diminui seu ser não apenas em si, mas para o outro, essa revolta perfaz a solidariedade.

Portanto, o indivíduo não é, por si só, esse valor que ele se dispõe a defender. São necessários pelo menos todos os homens para abranger esse valor. Na revolta, o homem se transcende no outro, e, desse ponto de vista, a solidariedade humana é metafísica. Trata-se simplesmente, por ora, dessa espécie de solidariedade que nasce nas prisões. [...] O revoltado, por outro lado, em seu primeiro movimento se recusa a deixar que toquem naquilo que ele é. Luta pela integridade de uma parte de seu ser. Não busca conquistar, mas impor. (Camus, 2017, p. 21-22)

Apesar de adotar o uso da palavra transcender, é nítido ao longo da leitura de Camus, que não é uma defesa de uma metafísica, mas não havendo materialidade física possível no reconhecimento do outro, a filosofia camusiana explica que a revolta não é algo concreto, um objeto, pois está em cada indivíduo e é singular em cada qual. Deste modo, Bella se revolta e reconhece a possibilidade de outrem, enquanto indivíduo autêntico, de se revoltar e existir no mundo. Sendo imprescindível, segundo a revolta de Camus, esse reconhecimento de que o “outro” tem direitos plenos em existir e se revoltar, assim, esse ato é também coletivo por pensar a autonomia para além de si.

No filme, em seguida, Duncan e Bella são expulsos do navio na próxima parada do navio pela falta de finanças, em Paris. Arruinados, o advogado se converte em uma figura chorosa e amarga, enquanto Bella compreende a pobreza como uma novidade e possibilidade de ações diversas do ambiente abastado. Caminhando por Paris ela encontra um estabelecimento peculiar, uma mulher coberta de tatuagens oferece-lhe estadia por 10 pratas, desde que ela trabalhe, receba 30 pratas, sobrando-lhe 20 pratas restantes. O local é um prostíbulo, como Bella não segue os padrões morais impostos, não há culpabilidade em vender seu corpo, ela aceita de modo prático, precisa comer e precisa de sexo.

Após se prostituir, consegue o dinheiro para alimentos compartilhados com Duncan. Com ar zombeteiro, Bella conta a Duncan que o sexo com ele é melhor do que o outro homem, pois

sua experiência durou um tempo minúsculo, não proporcionando-lhe prazer. Contudo, Duncan se ressentido, ofendendo-a com xingamentos, a condena, a compara com demônios. Então, Bella recusa continuar com ele, nega que ele retire sua liberdade de ação, como em todos os seus atos de revolta.

Doravante, Bella reconhece sua necessidade de sexo e dinheiro, levando-a a estabelecer-se definitivamente na casa de prostituição. Através do sexo, não em qualidade, mas em quantidade, Bella conhece incontáveis atos sexuais. Após um tempo, importa-se em compreender não somente o agradável, mas o desagradado. Aberta a essa vida de prostituta ela aprende e ensina uma variedade infinda de manipular seu corpo e o do outro, experimenta fetiches estranhos: um padre com “um dom divino” para o sexo, um pai que quer lecionar com demonstrações visuais para seus filhos jovens as maneiras de transar, um homem que performa um animal quadrúpede, são apenas alguns exemplos. E, após um longo período, quando pensa ter se tornado insensível a qualquer prazer, ela e sua amiga Toinette (Suzy Bemba) se amam com muitos orgasmos. Além do prazer sexual, Toinette apresenta-lhe um grupo socialista, as duas frequentam aulas de anatomia na universidade e compartilhando histórias pessoais.

Assim como Don Juan foi interpretado como um infeliz por alguns autores dos quais Camus discorda, a personagem Bella Baxter poderia ser compreendida da mesma maneira. Entretanto, Bella é vislumbrada como um ser humano que maximiza suas paixões e desejos. Por isso, penso em Bella como uma personagem absurda similar ao exemplo do dom-juanismo de Camus. Para a filosofia camusiana interpretar o que se vive como qualidade, como se houvesse verdadeiro para o que é raro e falsidade para o comum, é delimitar a vida. Identificamos essa vontade de expansão do indivíduo transbordante pela quantidade no trecho a seguir:

‘Por que seria preciso amar raramente para amar muito?’ Don Juan está triste? Não é verossímil. [...]Esse riso, a insolência vitoriosa, os pulos e o gosto pelo teatro são coisas claras e alegres. Todo ser saudável tende a se multiplicar. Don Juan também. Mas, além do mais, os tristes têm duas razões para estar tristes, eles ignoram ou eles têm esperança. Don Juan sabe e não tem esperança. (Camus, 2023, p. 118-119)

Assim, Bella se multiplica pelo incontável número de experiências, como defendido por Camus, não importa os anos que alguém vive, mas que tenha sentido o maior número possível de experiências. Contudo, Bella abandona a vida de cortesã, por decisão própria, deseja ver novamente Godwin, antes que ele faleça, pois recebe a notícia, por carta que ele está muito doente. Voltando a Londres, confronta God, mesmo doente, quer saber sobre sua cicatriz de parto

descoberta por Toinette no prostíbulo. Dessa vez, sem enrolações, God é honesto, conta-lhe sobre a gestante encontrada no rio e a transplantação do cérebro da criança para a mulher. Bella, perdoa-lhe facilmente, pois segundo ela, é fascinante estar viva, isso demonstra a grande ode à vida presente no filme *Pobres criaturas*, a personagem ama a vida em todas as nuances.

Vale ressaltar a inspiração na construção de Godwin, o personagem é inspirado pelo mito de Prometeu e em Victor Frankstein, seu nome é uma homenagem direta ao pai de Mary Shelley. No entanto, há algo de distinto em seus comportamentos, ao invés do castigo de Zeus a Prometeu por ter se aliado aos homens e do deus cristão ao expulsar Adão e Eva pelo conhecimento ou, de Victor Frankstein ao desprezar e temer sua criatura, Godwin oferece o conhecimento, seja bom ou ruim, e se encanta ao ver as escolhas independentes feitas por Bella Baxter, orgulha-se do conhecimento que ela alcançou sem seu auxílio. Portanto, Godwin ultrapassa e é melhor do que qualquer deus, sendo assim, um homem da criação absurda, sua arte é a ciência que concebeu Bella sem propósito, além disso, sua obra — Bella Baxter — supera o autor, multiplicando suas significações para outras perspectivas, pois ela é também criadora através do absurdo da vida.

Em Londres, Bella retoma seu desejo de casar-se com McCandles, dessa vez sem acordos aprisionantes. Na cerimônia, o casamento é interrompido por um homem que se diz esposo de Bella, porém, seu nome verdadeiro é Victoria Blessington. Por curiosidade e novamente sedenta por experimentações, Bella decide ir morar com o general Alfred Blessington e saber se ela tem algo de Victoria. Para sua surpresa, os serviçais da casa não são solícitos com Bella. Aos poucos a personagem percebe que Alfred e provavelmente Victoria eram mesquinhos e cruéis com os trabalhadores.

A crueldade do general estende-se à Bella, submetida à obediência, aos deveres de esposa e uma futura gestação de um filho. Além disso, Bella escuta Alfred planejar uma cirurgia para a retirada de seu clitóris para domá-la. Todavia, Bella, mesmo sendo ameaçada com uma arma, o desmaia e atira em sua perna. Ainda assim, não o abandona para morrer, pois ela valoriza a vida a ponto de não desejar ceifá-la. Porém, sabendo que o general poderá diminuí-la à servidão, caso continue consciente, Bella pede a McCandles auxílio para trocar o cérebro de Alfred com o de uma cabra.

Neste último ato do filme, percebo a última revolta de Bella, ela recusa a retirada de sua individualidade e se impõe contra papéis pré-definidos para a mulher em sua sociedade. Então, Bella percebe sua distinção àquela Victoria, a qual deliberou pelo suicídio, Bella rejeita ser essa

desconhecida. E, seguindo God não mais como um deus ou um pai, Bella decide usar seu ódio à morte, para se dedicar à luta contra o destino iminente do condenado à morte, estudando para se tornar médica. Assim como Sísifo Bella é uma heroína do absurdo, pois se revolta não apenas com o que a orime, mas com a opressão ao seu redor:

Sísifo é um herói absurdo, mas, sobretudo, um herói atormentado. Seu tormento é motivado pelo impávido desejo de mudança e de transformação de um cosmo que tudo oprime e que tudo ofende. Sísifo tornou-se um herói atormentado e conseqüentemente um herói absurdo para Camus, na medida exata em que, ao questionar-se sobre a condição imposta aos homens pelos os deuses, Sísifo simplesmente diz não. Ele torna-se um herói absurdo ao recusar a manutenção da ordem imposta pelo Olimpo. Inconformado não apenas com a sua, mas com a infame condição a que todos eram subjugados, Sísifo decide desafiar a ira dos Deuses. O atrevimento de seu gesto profanador elevou ainda mais o furor do Olimpo que, diante de tal circunstância, decidiu pesar sobre ele todo o ímpeto de sua raiva, imputando-lhe uma terrível, inútil e sem fim condenação. (AZEVEDO, 2017, p.37)

É nítida a semelhança entre o desejo de Bella Baxter de transformar o mundo e Sísifo, ambos não possuem a certeza de mudanças concretas, mas aceitam a tarefa incansável de cotidianamente tentar. Se tornar médica não erradica todo o sofrimento da existência, mas para Bella é melhor o fazer e viver do que a desistência, nenhum castigo ou destino iminente em Sísifo o torna um desistente, seu labor é infinito, numa tarefa árdua que parece nada valer, entretanto, ele permanece em seu ofício de empurrar a mesma pedra que voltará a descer. Por mais que a morte e o destino de sofrimento seja inevitável, Bella e Sísifo são profanadores dos deuses, pois, se negam a aceitar os seus papéis pré-determinados. Bella, desde o início, nega sua obediência enquanto criatura de God, rejeita o contrato do casamento que cerceia seu direito de conhecer o mundo sem autorização, despreza o controle de Duncan em sua aventura, se revolta contra as injustiça das crianças pobres e doentes, se liberta do destino que era de Victoria e não de sua história.

O pensamento de Camus e a trajetória do filme *Poor things* parece acompanhar o movimento do pensamento camusiano, pois, a personagem Bella Baxter parece passar pela fase de núpcias com o cosmo, pelo mal-estar do absurdo e por último, pela revolta e o desejo de transformar o mundo a partir de um tipo de ética-política prática. O que se parece apenas uma modificação individual e interna se mostra uma alteridade contra as injustiças humanas, como nota o comentador do pensamento de Camus, neste excerto:

...no primeiro ciclo de seu pensamento, Camus enfatizava as núpcias do homem com o cosmo, num segundo momento, tratou de realçar a sensação de mal-estar diante da

existência que emerge da relação que o homem tem com o mundo, fazendo-o perceber, por meio da consciência, não mais as núpcias, mas o divórcio entre ambos, denominado absurdo. Já no terceiro momento de seu pensamento, Camus descreve o mundo absurdo com a presença da morte generalizada e caminha em direção a uma moral da solidariedade, baseada na ideia de limite, que fundamenta a dignidade do homem. (PIMENTA, 2018, p. 148)

A personagem do filme perfaz o caminho de saída da solidão para uma ética de solidariedade, e, mesmo que a sociedade nunca se torne perfeita, Bella se indigna e busca praticar sua revolta, que é tanto de negação como de afirmação. Sua revolta é uma negação na medida em que rejeita o sofrimento vigente e afirmativa na medida que não recai no niilismo de negar e não agir, tenta estabelecer práticas que podem interferir e transmutar a realidade, diminuindo as dificuldades ao seu redor. Recusa os papéis estabelecidos como corretor, como a função de esposa, para criar funções que fazem sentido para a sua subjetividade e também à autonomia e felicidade alheia, a partir do absurdo metafísico, isto é, as dores que todos compartilham da morte, entre outras, Bella constrói para si e para o outro uma possibilidade de condição humana justa.

Considerações finais

O esforço dedicado neste texto foi o de encontrar paralelos entre o filme *Pobres criaturas* e a filosofia de Camus, principalmente à consciência e sentimento de absurdo, a revolta e o amor à vida através dos sentidos. Assim, há fortes indícios de que Bella e Godwin possuem muitas características que demonstram a falta de sentido da existência e o divórcio entre ser humano e mundo e, a presença constante do destino, a morte.

Houve também a diferenciação entre a atitude do suicida, representada pela Victoria Blessington e as ações de constante decisão em viver de Bella Baxter, conceituada como atitude do condenado à morte. Além disso, foi perceptível, vários momentos de revolta nos movimentos de Bella, assim assimilamos esses momentos às explicações de Camus. Portanto, considero Bella Baxter uma mulher do absurdo, e diferente de uma progressão linear, observo que enquanto há vida, existe a constante decisão cíclica de luta contra o destino, de revolta e de amor à vida. Em qualquer momento do filme, Bella poderia se mostrar desistente e ressentida, mas ao invés disso, ela se revolta, reivindica sua liberdade de ação e se fascina com o mundo ao redor, sendo assim, uma personagem absurda e uma mulher revoltada.

Referências

ARTEMENKO, SOFIA. **POOR THINGS: A STORY OF FEMALE EMPOWERMENT?**

Disponível em: < <https://businessandarts.net/blog/poor-things-a-story-of-female-empowerment>>

Acesso em: 12 de fevereiro de 2026.

AZEVEDO, Pedro. *Do absurdo à revolta em Albert Camus*. 2017. 114 páginas. Dissertação. (Mestrado em área da Filosofia). Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/36348>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2026.

CAMUS, Albert. *A morte feliz*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CAMUS, Albert *As núpcias, o verão*. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman, Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2023.

LEOPOLDO, Rafael. *Albert Camus e o heroísmo edipiano*. **Polymatheia Revista de Filosofia**, Fortaleza, Vol. 9, N.14, 42-55, Janeiro-Junho, 2016. <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/5943>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2026.

MESQUITA, M. **Oscar 2024: veja curiosidades sobre os indicados ao melhor Design de Produção.** Disponível em:

<<https://casavogue.globo.com/lazer-e-cultura/filmes/noticia/2024/03/oscar-2024-curiosidades-sobre-design-de-producao.ghtml>>. Acesso em: 12 fev. 2026.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

NIL ERTÜRK. **Kadın Kahramann Yolculuğu - Bölüm 2**. Disponível em: <<https://nilerturk.substack.com/p/kadn-kahramann-yolculugu-bolum-2>>. Acesso em: 12 fev. 2026.

OLIVEIRA, Renato. *Leituras do Marquês de Sade após o holocausto: um libertino contemporâneo*. **Polymatheia Revista de Filosofia**, Fortaleza, Vol. 7, N. 10, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/6673>. Acesso em: 12 fevereiro de 2026.

PIMENTA, Danilo. *A revolta em Albert Camus*. **Kalagatos Revista de Filosofia**, Fortaleza, Vol. 15, N.1, 147-160, Janeiro-Abril, 2018. <https://doi.org/10.23845/kgt.v14i3.249>. Acesso em 12 de fevereiro de 2026.

POOR things. Direção de Yorgos Lanthimos. Nova Iorque: TSG Entertainment, 2023. 141 min. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/play/3d00a2de-821a-4844-ad90-2f9e7b685b95>. Acesso em: 14 de julho de 2024.

RIBEIRO, G. **Pobres Criaturas se tornou um dos favoritos na categoria de maquiagem no Oscar 2024: Willem Dafoe é a prova viva disso**. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/pobres-criaturas-se-tornou-um-dos-favoritos-na-categoria-de-maquiagem-no-oscar-2024-willem-dafoe-e-a-prova-viva-disso,de727e68b944c0947a1e3cfd453121casr18ow3c.html>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2026.

SERAIN, G. A. **POBRES CRIATURAS, Frankenstein empoderada**. Disponível em: <<https://martinwullich.com/pobres-criaturas-frankenstein-empoderada/>>. Acesso em: 12 fev. 2026.

STUNZ, Laura. **Kultur filmfest**. Disponível em: <<https://www.stern.de/kultur/filmfest-hamburg-2023--die-programm--und-filmhighlights-des-festivals-33859300.html>> Acesso em: 12 de fevereiro de 2026.

